

## **Maracatu Nação Estrela Brilhante do Recife: Patrimônio Musical e a Preservação Cultural através do Registro Fonográfico**

Mirty Kátly da Silva Souza  
Universidade Federal de Pernambuco (UFPE)  
*mirtyk94@gmail.com*

Renata Silvestre de Santana  
Universidade Federal de Pernambuco (UFPE)  
*renatasilvestr3@outlook.com*

### **Resumo**

Neste trabalho, buscamos trazer uma pequena análise do CD do Maracatu Nação Estrela Brilhante do Recife, produzido de maneira independente pela própria nação de maracatu no ano de 2002. O CD conta com 13 faixas musicais, sendo em sua maioria composições próprias do Maracatu Nação Estrela Brilhante do Recife. Além disso, abordamos o CD como uma ferramenta de registro e preservação da memória de um patrimônio musical de transmissão oral, ressaltando sua importância na preservação cultural. Discutimos também a relevância histórica do grupo e como o registro fonográfico atua como forma de salvaguarda dessas tradições.

### **Maracatu de Baque Virado e O Maracatu Estrela Brilhante do Recife**

O Maracatu de baque virado é uma manifestação cultural presente no Nordeste brasileiro, especialmente na região metropolitana da cidade de Recife, no estado de Pernambuco, registrado como patrimônio imaterial do Brasil no ano de 2014, título concedido pelo Instituto do Patrimônio Histórico e Artístico Nacional (Iphan), é também registrado como bem cultural no livro de Registro das Formas de Expressão, volume primeiro, do Instituto do Patrimônio Histórico e Artístico Nacional/Iphan, instituído pelo Decreto nº 3.551, de 4 de agosto de 2000. (certidão disponível em:

<http://colaborativo.ibict.br/tainacan-iphan/documentos-do-process/certidao-de-registro-de-be-m-cultural-maracatu-nacao/>).

Segundo Guerra-Peixe (1980), são dois os maracatus existentes, o de baque solto, também chamado de maracatu de orquestra, com maior presença no interior do estado, e o de baque virado, também conhecido como maracatu nação.

A antropóloga Katarina Real empregou o termo "nação" ao fazer referência aos maracatus, fundamentando-se em dois motivos específicos. Um deles diz respeito aos pesquisadores que se dedicaram ao estudo da manifestação e à conceitualização da palavra "maracatu", como Guerra-Peixe e Mário de Andrade. A segunda justificativa emerge da perspectiva de Veludinho, um lendário percussionista que participou ativamente dos Maracatus Elefante e Leão Coroado, tendo vivido até os 107 anos e mantendo sua atuação percussiva até os 103 anos tocando seu bombo mestre. Conforme Veludinho, o termo "maracatu" foi concebido por "homens grandes", sendo sua opinião que a designação apropriada seria "nação" (Real, 1990, p. 58, apud Alencar; Raimundo, 2016, p. 41).

Enquanto manifestação, o maracatu passou por períodos de perseguição, decadência, resistência e ressurgimento. Nos anos 80 e 90, algumas Nações de Maracatu voltaram à atividade e outras se fundaram. Elementos surgidos ao final da década de 80, como o grupo Nação Pernambuco, e o nascimento do movimento Mangue nos anos 90 (Galinsky, 1999) contribuíram para a fundação de novas nações de maracatu e essa retomada de atividades de nações antigas. Esses acontecimentos foram, peças chaves para a revalorização de símbolos que estavam “esquecidos”. Foi neste momento, após anos de perseguição e preconceito por fazer parte de uma cultura de comunidades com “herança sociocultural africana” (Lima 2005), entre outras dificuldades, que as nações de maracatu se encontram finalmente em um momento favorável a seu ressurgimento.

Os maracatus são hoje, vistos como autêntica cultura pernambucana e “poucos são os que conseguem admitir a idéia de que até bem pouco tempo, sobretudo nos anos 1980, eram rejeitados e marginalizados em uma sociedade ávida a consumir, inclusive práticas que outrora pertenciam aos “favelados”. ” (Lima, 2005, p.7)

A grande visibilidade social que o maracatu passou a ter a partir da década de 1990 pode ser visto como parte desses processos, os quais têm colocado o maracatu nação em diálogo com diferentes contextos da sociedade, levando os grupos, em certa medida, a redefinirem suas ações e formas de organização, bem como a retomar uma antiga prática ritual como é a cerimônia de coroação. Nessa perspectiva, figuras emblemáticas da manifestação como a rainha e o mestre respectivamente

foram se tornando conhecidos e respeitados por serem detentores do conhecimento sobre a religiosidade do maracatu e a sua musicalidade. (Oliveira, 2017, p. 143)

O Maracatu Nação Estrela Brilhante do Recife é um grande exemplo deste movimento de retorno dos maracatus, junto ao mestre Walter de França. Assim como outros mestres como, Afonso Aguiar do Maracatu Leão Coroado e Chacon Viana do Maracatu Porto Rico (estes últimos, além de mestres também assumiram a função de presidentes dos respectivos grupos), são exemplos dessa mudança no cenário social do maracatu e junto às nações que voltaram à atividade após alguns anos adormecidas.

A nação de maracatu Estrela Brilhante do Recife, fundada em 1906 (Segundo Carlos Sandroni (2001) os primeiros registros históricos deste maracatu datam do ano de 1910), teve sua primeira sede no bairro de Campo grande, localizado na Zona Norte de Recife, onde ficou até o ano de 1966, mudando-se para o Alto do Pascoal, no ano de 1969 onde fica até 1990 em sua segunda sede e indo para a sede atual no ano de 1994, localizada no mesmo bairro.

O maracatu Estrela Brilhante foi fundado por Cosme Damião Tavares, conhecido como "Seu Cosmo", nascido em meados do século XIX no município de Igarassu. Cosmo passou a residir em Recife por questões de trabalho e a partir dessa época, o seu maracatu esteve sediado em quatro diferentes bairros, todos localizados na periferia da Zona Norte da cidade. Primeiro em Campo Grande (de 1906 a 1966), depois em Água Fria (de 1966 a 1990), segue para Casa Amarela (de 1990 a 1993), e, por último, no Alto José do Pinho, onde está até os dias de hoje (Barbosa, Barbosa, 2005).

Sobre a Zona Norte, faremos um adendo de informações sobre ocupação de espaço, em especial dos morros na Zona Norte do Recife.

Essa região é a região de ocupação periférica mais antiga, as comunidades dessa região são mais organizadas, mais enraizadas e conseguiram conquistar melhorias de infraestrutura, urbanismo bem antes das periferias das outras regiões da cidade por conta da organização comunitária, se existe uma história de resistência importante ligada à essa antiguidade.

Para além disso, “para alguns segmentos da população negra, a Zona Norte guarda a importante história da resistência dos maracatus e dos terreiros das religiões afro-brasileiras à perseguição da era Vargas.” (Carvalho, 2007, p. 62)

Esta ocupação remonta ainda ao período colonial, como bem traz o geógrafo Santana (2019), lembrando que enquanto a cidade de Olinda foi estabelecida em uma área elevada para facilitar a vigilância dos estuários dos rios Capibaribe e Beberibe a cidade de Recife, em contraste, começou como um pequeno lugarejo na planície costeira, expandindo-se gradualmente a partir do século XVI. A população mais pobre se estabeleceu em mocambos nos manguezais, enquanto as classes mais ricas ocupavam as áreas "de terra firme", menos sujeitas a inundações. Com o tempo, a migração para o Recife após a abolição da escravatura intensificou a formação de mocambos e palafitas nos manguezais. Durante as décadas de 1940 e 1950, a pressão para o fim dos mocambos na região central levou à transferência não planejada dos moradores para os morros de Casa Amarela, Beberibe e Água Fria, na zona norte. Essa ocupação se expandiu significativamente, como evidenciado pelo adensamento populacional nos bairros de Morro da Conceição, Vasco da Gama e Alto José Bonifácio, Alto do Pascoal, entre outros, marcando uma mudança significativa na paisagem urbana do Recife.

Após o falecimento de Cosmo no ano de 1955, o Maracatu Estrela Brilhante continuou a participar do Carnaval de Recife sob a direção de Dona Assunção, esposa do mesmo. Em decorrência das dificuldades encontradas já na década de 1960 pelas nações de maracatu (período de declínio das agremiações carnavalescas por conta da falta de recursos financeiros, principalmente nas camadas populares) o maracatu se mantém em atividade com muita dificuldade.

“Com a morte de Seu Cosmo em 1955 o Maracatu fica nas mãos de sua mulher Dona Assunção que vai aos poucos abandonando seus “trabalhos”. Além disso, inicia-se um período de decadência do Maracatu, que esteve ausente em alguns carnavais. A situação se agrava a partir de 1960 quando as agremiações carnavalescas de Pernambuco e seus integrantes de camadas sociais populares ficam sem investimentos financeiros do governo para suas atividades.” (Garcez, 2013)

Por volta de 1969, o Estrela Brilhante se muda para a comunidade do Alto do Pascoal e em 1973, após um período de estabilização na nova comunidade, passa a ter a ialorixá Maria Madalena como Rainha da Nação até o início da década de 1980. “A partir da saída da Rainha Madalena do Estrela Brilhante, este entra em declínio, até ser ‘comprado’ por Lourenço Mola, em 1993. No final da década de 1990, o Maracatu-Nação Estrela Brilhante voltaria a figurar como um dos principais grupos da cidade do Recife.” (França Filho, 2016)

No ano de 1995, a nação passou a ser presidida pela atual rainha Marivalda Maria dos Santos, tendo como sede a sua própria casa.

As cores Azul e branco, usadas pela nação de maracatu fazem referência a Iemanjá, Orixá regente do terreiro em que o maracatu foi fundado e tem como Calungas as bonecas Juventina (consagrada à Orixá Iansã) e Erundina (Consagrada à Orixá Oxum) e mestre Cangaruçu como protetor da nação na Jurema.

As bonecas de madeira - calungas - são um dos elementos sagrados do maracatu, alguns dizem que já se faziam presentes aos cortejos das nações africanas, do qual se originou maracatu. São bonecas feitas em madeira que representam figuras de grande importância para o terreiro onde a nação de maracatu está fundamentada e para o próprio maracatu. Faz parte do ritual do maracatu, encarnando nos seus “axés” a força dos antepassados do grupo e seus orixás. As calungas são conduzidas pelas damas-do-paço.

### **A Música do Estrela brilhante do Recife**

Uma das mais antigas e conhecidas Nações de Maracatu, Estrela Brilhante do Recife desfila no carnaval com cerca de 500 integrantes, tendo além dos personagens da corte, sua parte sonora rítmica e musical, o baque ou batuque tem a presença de bombos, gonguês, caixas, ganzás e abês.

O batuque do Estrela brilhante do Recife contou com Walter França como mestre no período de 1993 a 2019 e “é apontado por pesquisadores como um mestre que inseriu algumas modificações nos maracatus da atualidade, a partir da década de 1990” (França Filho, 2016).

Em sua dissertação, França Filho fala que quando Mestre Walter passa a reger a percussão do Estrela Brilhante do Recife, traz influências de sua experiência de regência vinda da vivência em escolas de samba, principalmente, na Gigantes do Samba, localizada no Bairro da Bomba do Hemetério, “escola na qual seu pai fora um dos fundadores e fora também presidente.”(França Filho, 2016). Mestre Walter também integrou o Maracatu Nação Leão Coroado, conhecido como o maracatu de Seu Luiz de França, que teve sua sede na Bomba do Hemetério. “É atribuída a ele (Mestre Walter) a responsabilidade de incluir novas melodias, fugindo a métrica tradicional de pergunta e resposta, paradas semelhantes às do samba e novos instrumentos” (França Filho, 2016).

No ano de 1996, o Estrela Brilhante do Recife teve sua primeira oportunidade de registrar músicas de seu repertório em CD, participando da gravação de três faixas para o CD *Amazônica*, lançado pela *Sony Music*, que trazia músicas de diversas manifestações culturais,

tendo como diretor musical Miguel Kertsman. No ano de 1997, houve o convite para a nação participar da coletânea *Pernambuco em Concerto*, volume I, com uma faixa no disco produzido pela África Produções. Em 2001 tornou-se possível a gravação do próprio CD da Nação de Maracatu Estrela Brilhante do Recife, com o repertório de loas e baques do próprio maracatu em 13 faixas.

Com a produção dos fonogramas o Estrela Brilhante reuniu nos registros aspectos musicais da nação que trazem a reflexão acerca do acervo musical desenvolvido que guardam sua identidade dentro da manifestação cultural, simbolizando elementos da vivência cultural popular. A documentação destas obras promove o alcance da cultura e sonoridade da nação de maracatu, bem como de toda comunidade ali representada, a espaços distintos aos do território da cidade, proporcionando a preservação e criação de um acervo para a memória de suas práticas e identidades musicais transmitidas oralmente entre gerações.

Desde modo, a produção das obras fonográficas contém funções dentro do contexto que vão além da reprodução sonora das loas, elas resguardam práticas e aspectos difundidos nas faixas de áudio que reproduzem a identidade da manifestação.

Paulo Castagna discorre que as obras musicais possuem funções que perpassam o contexto da prática ao de testemunho histórico-social.

“Em fase corrente, a função (primária) das obras musicais é a execução e audição, enquanto a função das representações é a leitura (por pessoa, software ou aparelho) para execução ou reprodução da obra musical, e da fonte é a fixação material da obra representada, seu armazenamento e uso prático. Em fase permanente, a função (secundária) das obras musicais é o testemunho de práticas musicais (antigas e recentes), enquanto a função secundária das representações é o testemunho de sistemas e técnicas de representação e das versões transmitidas, e das fontes é o testemunho de sistemas e técnicas de impressão e difusão, e do envolvimento de pessoas, comunidades e instituições com a prática musical. (Castagna, 2016, p.6)”

*Ficha técnica do CD - Maracatu Estrela Brilhante do Recife:*

Produção executiva: Flávio Domingues e Antonio Carlos “Muriçoca”

Direção artística: Zé da Flauta

Gravação: Fernando e Pablo Lopes (Fábrica Estúdios – Recife/PE)

Mixagem: Zé da Flauta (Manguenitude – Recife/PE)

Arranjos: Mestre Walter

Fotografía: Marília Auto

Capa: Flávio Domingues

Contracapa: Fekinho (Etnia)

Observando o CD, percebemos dentre as músicas gravadas, duas faixas de domínio público contendo toadas de Orixá de tradição nagô além de uma faixa com a música “Clementina de Jesus no Morro da Conceição”, com a participação de Silvério Pessoa, e uma faixa contendo apenas os instrumentos, onde é possível ouvir e comparar cada baque tocado, assim como a diferença para a chamada de cada um e como é feita a variação do baque pelo “bombo de virada”.

Detalhando as faixas de áudio do CD, em tabela, temos:

Faixa	Composição	Baque	Letra	Observações
1 Cheguei meu povo	Walter França	Malê	Cheguei meu povo, cheguei pra vadiar. Sou eu a nação estrela não prometo pra faltar.	Voz: Mestre Walter
2 Horizonte	Walter França	Luanda	Sou estrela do mar, eu vivo a navegar. Na ilusão do horizonte sou eu a estrela mais linda a guiar.	Voz: Mestre Walter
3 Costa Velha	Walter França	Luanda	Olha a costa velha, é nagô afã, estrela brilhante é nação germana. Vejo que na estrela tem um brilho sem igual, Uma luz tão fagueira ilumina a corte real .	Voz: Mestre Walter
4 Moro mi maió / Ele mi enikarodo.	Domínio Público	Malê	<i>Toadas da orixá Oxum em iorubá</i>	Voz: Dona Albênia

<p>5 Clementina de Jesus no Morro da Conceição - Delírios da ressurreição.</p>	<p>Silvério Pessoa</p>	<p>Luanda</p>	<p>Os tambores acariciam a noite, Sinhá Marivalda acordô e o estandarte do Estrela chegou. Bravos guerreiros que dançam com a ira da dor, luz nas escadarias do morro, o estandarte do Estrela chegou. Salve o rei, salve a rainha do morro da Conceição. Eles descem o morro de branco pra sambar maracatu.</p>	<p>Voz: Silvério Pessoa.</p>
<p>6 Dança rainha</p>	<p>Walter França</p>	<p>Arrasto</p>	<p>Dança rainha, vassalo e escravo, todos lanceiros e a corte real. Vem meu rei, embaixador e princesa também, catirina olha o baque soando, é o estrela que já vem chegando.</p>	<p>Voz: Mestre Walter</p>
<p>7 Evolução da Bateria</p>	<p>Walter França</p>	<p>Instrumental - Todos os baques.</p>	<p><i>Inicia com a "chamada" das caixas para o primeiro baque a ser apresentado, que é o Luanda. Solo de agbê no final. Baque 2 : Martelo solo caixa no final. Baque 3 - malê. Solo de gonguês no final. Baque 4 - arrasto com solo alfaias no final, primeiro a base</i></p>	<p>Sem letra, apenas instrumental</p>

			<i>rítmica com o som da alfaia de marcação em evidência, por último solo de alfaias executando a virada. Final - Baque Luanda + variações para encerrar.</i>	
8 Levante a Bandeira	Walter França	Malê	Levante a bandeira que o mestre apitou, com damas de paço o estrela chegou. chegou, chegou. Com baque, parada e o baque trovão, oh dama de paço escute o refrão.	Viradas mais perceptivas que a base do baque. Variações e chamada para o baque em evidência.
9 Nossos tambores	Walter França	Arrasto	Quando nossos tambores soou, e a dama de passo girou, meu estandarte brilhou porque sou nação nagô. Vem nação estrela brilhante cantar, bate forte os nossos tambores, rufa caixa, mineiro e ganzá. Joventina, Erundina, não deixe o tambor se calar.	Voz: Mestre Walter
10 Obá Xirê / Ori balé ori-o	Domínio Público	Toque/ritmo de Afoxé/ijexá	<i>Toadas da Orixá Oyá em iorubá.</i>	Voz: Dona Albênia.  Presença do agogô.

11 Vovó	Walter França	Luanda	Vovó falou e o barão assinou, estrela brilhante é nação nagô. Na marcação das alfaias, no tilintar do gonguê, no xiquexé das maraca, na marcação do agbê.	Voz: Mestre Walter
12 Toque o Gonguê	Walter França	Luanda	Toque o gongue balance o ganzá é no baque virado que o estrela vai passar / cante sinhá, cante senhor, sou afro africano e também nação nagô	Voz: Mestre Walter
13 Brilhou	Walter França	Luanda	Brilhou , brilhou, iluminou de norte a sul. Joventina, Erondina, olha o Mestre Cangaruçu. Sou nação verdadeira, sou estrela que vivo a brilhar. No compasso do baque virado, dança e brilha a corte real.	Voz: Mestre Walter

Organizando em tabela podemos observar de forma mais clara algumas características do CD e como ele foi sequenciado de forma a mostrar a identidade do Estrela Brilhante do Recife com suas loas e baques. Diferente dos momentos em que o maracatu se apresenta nas ruas, na gravação se tem um número pequeno de instrumentos, cada um com a sua função bem definida, assim, possibilitando ao ouvido a distinção dos timbres e diferenças. Fica claro ao ouvinte a variação de “chamada” para cada baque que é feita pelos caixas, também pode-se ouvir bem a diferença do que é feito pelos bombo de marcação e pelos bombo de viração (que faz a variação do baque). Ao final das músicas, ainda se pode ouvir por um tempo os instrumentos soando, proporcionando a escuta do baque tocado e a forma que se finaliza o mesmo.

Aparentemente, deve-se ter de três a quatro bombos, um mineiro, um ou dois agbês, que não parecem estar presentes em todas as faixas e dois gonguês, possibilitando ouvir base e possíveis variações dos gonguês no maracatu.

O Estrela Brilhante Do Recife também utiliza o instrumento patangome em seu baque, muito próximo aos agbês e aos mineiros/ganzás, entretanto ao ouvir o CD não fica claro se o instrumento também foi utilizado ou não.

Um ponto importante a se observar em todas as faixas é a ausência do apito do mestre, que conduz os batuqueiros do maracatu informando os inícios, variações de baque e momentos de parada. Este é também um grande diferencial do que vemos na rua de fato na condução de um grupo muito grande, para o formato de estúdio.

O CD se inicia com uma loa de apresentação/chegada. As loas compostas como forma de apresentação são as primeiras cantadas pelos mestres de maracatu quando o maracatu se apresenta no desfile de agremiações, assim, anunciando sua chegada e se apresentando.

Algumas faixas trazem a ideia de referência ou homenagem a determinadas figuras de grande importância no maracatu, são elas, patronos (divindades e calugas) e rainha.

A faixa 5, a qual contém uma música do artista Silvério Pessoa, transmite a sensação de homenagem a Marivalda, rainha e diretora do Maracatu Estrela Brilhante do Recife. A ideia se dá pelo fato de, na letra original da canção se tem “sinhá Clementina” e não “Sinhá Marivalda”, como foi gravado no CD. Outras duas faixas do CD trazem homenagem às Calungas do maracatu, a faixa de número 4, com duas toadas à orixá Oxum, que é a Orixá da Calunga Erundina, e a faixa de número 10, onde se ouvem duas toadas da orixá Oyá, orixá da calunga Juventina.

Além dessas faixas, a última cita também o Mestre Cangaruçu, protetor de jurema da nação. Sobre a última faixa, podemos tratar como uma música de despedida, com o baque luanda, comumente utilizado pela maioria dos maracatus para se despedir nos desfiles, e com sua letra que além da menção aos patronos do maracatu, traz a ideia de encerramento, enaltece a nação e traz implicitamente a mensagem de que o maracatu mostrou sua música e sua beleza a todos.

De modo geral, em suas letras, as loas citam os personagens presentes na corte do maracatu, quando falam nas damas do paço, vassalos, escravos, catirinas e tantos outros, os instrumentos, seus baques e um pouco de sua história.

A faixa de número 7 traz uma apresentação bastante detalhada - até didática - dos instrumentos, nela fica nítida a diferença de cada baque trazido no maracatu, cada um com a “chamada” de um dos instrumentos e com diferentes momentos de solos, possibilitando ao

ouvinte conhecer o que cada instrumento faz, suas variações e viradas presentes no baque, as quais muitas vezes acabam não ficando tão perceptíveis quando se ouve o maracatu na rua, onde, pelo número muito maior de instrumentos, o som dos bombos de marcação ficam mais nítidos.

Quanto à base rítmica dos baques citados (Arrasto, Luanda e Malê), podemos ter uma ideia melhor de suas diferenças a partir do exemplo rítmico (em notação musical simplificada) feito pelos bombos de marcação, mostrado no seguinte exemplo:

**Figura 1 – Tabela demonstrativa com base rítmica dos baques do maracatu**

The figure displays four musical staves, each representing a different rhythm. The first staff, labeled 'Arrasto', shows a sequence of notes in 2/4 time, including eighth and sixteenth notes with accents. The second staff, labeled 'Luanda', shows a sequence of notes in 4/4 time, including quarter and eighth notes with accents. The third staff, labeled 'Malê', shows a sequence of notes in 2/4 time, including quarter and eighth notes with accents. The fourth staff, labeled 'Martelo', shows a sequence of notes in 2/4 time, including quarter and eighth notes with accents. The notation is simplified, focusing on the rhythmic patterns and accents.

Fonte : autor

O quarto ritmo presente, chamado Martelo, é bastante utilizado pelos maracatus e foi trazido como exemplo a título de informação e comparação.

### Considerações finais

Com o objetivo de trazer uma observação maior acerca do CD da Nação de Maracatu Estrela Brilhante do Recife, este trabalho possibilita reflexões e observações acerca da música do maracatu e sua importância como um patrimônio cultural vivo e dinâmico. Podemos compreender a importância musical de tal manifestação, mas também percebemos a importância de sua história e de que forma ela é trazida em suas loas, percebendo assim o que

o maracatu pode e deseja comunicar através desse material sonoro: um testemunho tangível da história e identidade cultural de Pernambuco

Quando refletimos sobre a importância de um registro fonográfico e suas potenciais contribuições não apenas para uma Nação de Maracatu, mas para toda a comunidade maracatuzeira, percebemos o papel crucial que ele desempenha na preservação e disseminação dessas tradições culturais. A gravação de um CD não só oferece à nação que o produz a oportunidade de transmitir sua cultura e trabalho para lugares distantes e até então inalcançáveis, mas também possibilita que essa expressão cultural se expanda globalmente.

A cultura popular tem um papel fundamental na formação da identidade de um povo e é também através da cultura popular que o povo se orgulha e leva adiante tradições e parte da sua história, assim também aprendendo mais sobre seus antepassados e valorizando a pluralidade cultural. Um dos processos importantes da salvaguarda das tradições culturais dependem do registro do conhecimento popular.

A divulgação de um CD como este não apenas amplia o alcance do Maracatu além das fronteiras geográficas de Pernambuco, mas também eleva essas expressões musicais à condição de elementos essenciais da diversidade cultural brasileira. Num contexto global, essa disseminação torna possível a interação do Maracatu com diferentes culturas ao redor do mundo, contribuindo para uma dinâmica de troca e enriquecimento mútuo, além de salvaguardar esta manifestação cultural. Nesse sentido, conforme propõe Stuart Hall em seu estudo sobre identidade na pós-modernidade, a interação do Maracatu com elementos culturais globais não apenas reafirma suas identidades locais, mas também estabelece uma troca constante entre o local e o global.

## REFERENCIAS:

ALENCAR, Alexandra; RAIMUNDO, Charles. Religiosidade nos maracatus nação pernambucanos. Periódico Equatorial, v.3, n.4. UFRN. 2016

BARBOSA, Virgínia; BARBOSA, Cristina. O Maracatu Nação Estrela Brilhante. 2005.

CARVALHO, Ernesto Ignacio de. Diálogos de negros, monólogos de brancos: Transformações e apropriações muscals no maracatu de baque virado. - UFPE, 2007. Dissertação (Mestrado em Antropologia) - Recife, 2007.

CASTAGNA, Paulo. Estruturas políticas para a salvaguarda do patrimônio musical brasileiro. XI Encontro de Musicologia Histórica. Juiz de Fora: Centro Cultural Pró-Música, julho de 2016. Anais. Juiz de Fora: Editora da Universidade Federal de Juiz de Fora, 2018. p.31-71

FRANÇA FILHO, Walter Ferreira de. 2016. Tradições compartilhadas: maracatus-nação e grupos percussivos na efervescência cultural de Pernambuco dos anos 1990 / dissertação de mestrado em História, UFPE. Recife.

GUERRA-PEIXE, César. Maracatus do Recife. São Paulo: Irmãos Vitale, 1980.

GALINSKY, Philip Andrew. 1999. Maracatu Atômico: Tradition, Modernity, and Post-Modernity in the Mangue Movement and the 'new music scene' of Recife, Pernambuco, Brasil. Middletown, Connecticut, EUA: Wesleyan University, Department of Music.

GARCEZ, Lais Salgueiro. 2013. Os movimentos do Maracatu Estrela Brilhante de Recife: Os "trabalhos" de uma "nação diferente". Dissertação de mestrado em Antropologia . UFF. Niterói

LIMA, Ivaldo Marciano de França. Maracatus em moda: de coisas de negros xangozeiros para símbolo da identidade pernambucana. ANPUH – XXIII SIMPÓSIO NACIONAL DE HISTÓRIA – Londrina, 2005.

LIMA, Ivaldo Marciano de França. Maracatus-nação : ressignificando velhas histórias. Recife: Bagaço. 2005.

OLIVEIRA, Jailma Maria. "... QUEM MANDA AQUI SOU EU!" Rainhas Coroadas nos Maracatus Nação Pernambucanos: inversões de papéis e rupturas nos espaços de poder. REIA- Revista de Estudos e Investigações Antropológicas, Recife, v. 4, n. 1, p.: 132-152, 2017. Disponível em: <https://periodicos.ufpe.br/revistas/reia/article/view/230029>

SANDRONI, Carlos. "O Destino de Joventina". Comunicação Apresentada ao 36o Congresso de ICTM. Rio de Janeiro, 2001.

SANTANA, John Kennedy Ribeiro de. ANÁLISE EVOLUTIVA DA OCUPAÇÃO DOS MORROS DA CIDADE DO RECIFE. v. 1 (2019): Anais do XVI SIMPURB Simpósio Nacional de Geografia Urbana. p. 3754 - 3768. disponível em: <https://periodicos.ufes.br/simpurb2019/article/view/26767>

### **Discografía**

CD Maracatu Nação Estrela Brilhante do Recife, 2002, Disponível em:  
<https://www.youtube.com/watch?v=tRsb4YDShJY&t=2477s>